

Diferenças e semelhanças entre os alunos de humanidades da USP: vida acadêmica e profissional

MARIA DA GRAÇA JACINTHO SETTON

Professora doutora, Faculdade de Educação, USP.

Recebimento: 25 de maio de 2003

Aprovação: 25 de agosto de 2003

Resumo: Este artigo objetiva proceder a uma síntese comparativa das representações acadêmicas e sociais de dois segmentos universitários. A análise dos condicionamentos sócio-culturais do estudentado permitiu observar, em pesquisas anteriores, que existe uma classificação velada e uma correspondência entre as diferenças de recursos dos alunos e a procura por determinados cursos e carreiras. O objetivo deste artigo é fazer uma análise comparativa entre estes alunos no que se refere à inserção no trabalho, estratégias acadêmicas e profissionais.

Palavras-chave: Estudante; Ensino superior; Origem social.

Abstract: The purpose of this paper is to compare the academic and social representations of two university segments. Previous analyses of socio-cultural backgrounds of students suggested that there is a veiled correspondence between students' economic status and their search for programs and careers. This paper compares these two groups of students in terms of their insertion in the labor market and their professional and academic strategies.

Key-words: Student; Higher Education; Social Origin.

Introdução

É possível observar que o debate relativo ao sistema de ensino no Brasil de hoje e, sobretudo sobre o ensino superior, é a respeito de sua ampliação. Nos últimos trinta anos o sistema universitário cresceu rumo a uma universidade de massa. Nas franjas deste debate verifica-se a importância da discussão sobre uma democratização educacional e ou uma mobilidade social daí decorrente. Todavia, *grosso modo*, conclui-se que de fato não presenciamos uma verdadeira democratização. O que a grande maioria dos estudos indica é a ampliação do acesso ao

sistema universitário privado para todos os segmentos sociais (Gouveia, 1969, 1972; Martins, 1989; Prandi, 1982; Silva Jr. & Sguissardi, 1999; Sampaio, 2000; Berthelot, 1990; Dubet, 1994; Renault, 1995).

É possível verificar também que grande parte dos trabalhos sobre a condição de estudante considera uma discussão não muito recente, mas ainda bastante polêmica. Deveria o estudante ser analisado como uma categoria homogênea? Sua especificidade estaria relacionada a uma faixa etária ainda em processo de socialização em direção à vida adulta ou, ao contrário, a diversidade da massa de estudantes universitários imporá uma leitura atenta sobre as diferenças da condição de vida estudantil segundo sua origem social e escolha de carreira? (Didier, 1992; Dubet, 1994; Erlich, 1998)

Embora consiga observar a recorrência deste debate na bibliografia pesquisada é importante considerar a diversidade que a condição da população estudantil encerra neste início de século. Produto de um sistema educacional em crescimento, o estudante atual, ainda que reserve uma certa especificidade, só pode ser compreendido se inserido na diversidade e na hierarquização do mundo universitário.

As análises referentes ao universo acadêmico francês embora específicas são interessantes para esta discussão e contribuem para a reflexão sobre a particularidade da realidade universitária brasileira. Notadamente, acerca da condição de vida, trabalho e estudo do universitário francês, na década de 90, o *Observatório da Vida Estudantil - OVE*, centro de pesquisa daquele país, deu início a uma série de investigações sobre as transformações vida estudantil. Observaram que a origem social é uma variável fundamental nos primeiros anos da vida escolar, no entanto, alertam que à medida que a socialização universitária avança a variável origem social perde espaço para as determinações de escolha de carreira. As variáveis sexo e idade em algumas pesquisas tornam-se importantes sobretudo quando relacionadas também às áreas de profissionalização.

Ainda dentro do universo social francês a questão da aspiração profissional e acadêmica é muito diversificada e está diretamente relacionada às escolhas de carreira. O tempo dedicado aos estudos, a inserção no mercado de trabalho bem como as expectativas de uma ascensão social via sistema educacional estão diretamente ligados às escolhas profissionais. A diferenciação do público estudantil encontra-se sobretudo no processo de socialização dos bancos universitários. Espaço por excelência, segundo a bibliografia consultada, para o amadurecimento e construção da identidade do aluno.

O debate sobre os usos e expectativas em relação ao conhecimento adquirido nas fileiras universitárias francesas é objeto de atenção também de alguns autores que marcaram época no debate na década de 90, na França. Didier (1992), Galland (1996^a, 1996^b), Coullon (1997) e Grignon (1996, 1999), entre outros, podem ser

citados pois trabalharam com as representações estudantis sobre a vida universitária. O diagnóstico é de que atualmente o público que tem acesso ao ensino superior possui uma relação utilitária com o conhecimento e a experiência adquiridos. Pouco esperançosos, não se sentem privilegiados e a maior preocupação que apresentam é com o sucesso de sua futura vida profissional. O mundo particular e familiar do estudante assumem um espaço preponderante em suas vidas. A universidade é vivida como um lugar de passagem, um ritual obrigatório, um passaporte para o universo do trabalho. Enfim, são baixas as expectativas em relação ao conhecimento e utilidade do conhecimento e informação adquiridos. Segundo os autores, o crescimento dos efetivos nos últimos anos desestruturou um espaço até então privilégio de alguns poucos. A falta de professores, políticas educacionais incoerentes, didática e apoio pedagógico desatualizados são outros elementos para se pensar o desencantamento e o pequeno engajamento do público estudantil com o mundo universitário.

No que se refere ao Brasil algumas informações são coincidentes. A inserção no mercado de trabalho, remuneração e ou expectativas acadêmicas estão fortemente relacionadas às escolhas de carreira. Contudo, a origem social ou os anos dentro da academia ainda são variáveis que condicionam parte importante do comportamento do estudante brasileiro.

Assim, frente ao crescente avanço das matrículas do ensino superior nos últimos anos e a oportunidade de relacionar informações sobre o público universitário francês e brasileiro, o desafio de analisar dados sobre uma parcela deste estudantado pareceu-me bastante interessante.¹

Em pesquisa anterior observei que, entre os vários fatores que caracterizam as unidades e cursos investigados, o que mais se destacou foi a diferença entre as origens sociais dos estudantes. As diferenças de composição e volume de recursos sociais e culturais (capital econômico e capital cultural)² dos alunos mostraram-se relevantes para a compreensão desse universo.

1 Em 1996, dei início a uma pesquisa sobre os alunos de humanidades da Universidade de São Paulo, trabalhando especificamente com os alunos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - FFLCH, da USP. Em 1998, a pesquisa "*Perfil social, cultural, expectativas acadêmicas e profissionais dos estudantes da Universidade de São Paulo*" empreendida pelo NAEF - Núcleo de Apoio aos Estudos da Graduação, deu continuidade ao levantamento anterior. Com base na análise das informações desta última investigação pude observar uma importante diferença de origem social entre os alunos pesquisados. Desdobramentos desta pesquisa permitiram a elaboração de um projeto de pós-doutorado, iniciado em 2000, na École de Hautes Études en Sciences Sociales, Paris, denominado Trajetórias acadêmicas: um estudo sobre as estratégias de transformação da ordem", ainda em andamento. Esta pesquisa visa analisar as estratégias familiar e escolar de alunos pertencentes aos segmentos populares que conseguiram ingressar nos cursos mais elitizados da Universidade de São Paulo.

2 Estou me baseando nos conceitos de Pierre Bourdieu. Segundo este autor capital econômico refere-se aos recursos de ordem material como salário, renda, imóveis etc.; capital cultural "é um "ter" que se tornará um "ser", ao longo do tempo; não é biologicamente hereditário nem pode ser comprado ou trocado. É adquirido de forma dissimulada e inconsciente e não pode ser acumulado independentemente da capacidade de apropriação de seu agente. Desaparece e morre com seu portador. Esta ligado à pessoa em sua singularidade biológica" (Bourdieu, 1998)

Nesta pesquisa, apesar de estar trabalhando com um universo academicamente homogêneo, estudantes de humanidades da Universidade de São Paulo, a diversidade de trajetórias, as diferenças de *habitus*³ e herança cultural entre alunos despertaram indagações semelhantes às dos pesquisadores franceses, sobre as diferenciadas formas de acesso e as heterogêneas possibilidades de formação profissional.

Considerando algumas informações sobre a origem e trajetória acadêmica dos alunos como indicadores de diferenças social, obteve-se uma classificação hierárquica entre os cursos.⁴ Indicadores como *renda familiar, ocupação e instrução* paterna e materna, *conhecimento de idiomas estrangeiros* relacionados com fatores como *idade* do aluno, *ano de conclusão* do ensino médio e *período* de curso ajudaram a construir três classes de cursos - os *seletos*, os *intermediários* e os *populares*. Procedendo a tal classificação, pude identificar estruturas e volumes de recursos diferenciados entre os estudantes pesquisados.⁵

A hipótese deste artigo é que essas diferenças de origem social e trajetória acadêmica podem estar determinando as variações em relação à inserção no mercado de trabalho, em relação às expectativas acadêmicas e profissionais bem como em relação à divisão equânime do saber universitário entre os alunos.

Embora a pesquisa tenha trabalhado com um universo de vinte e três cursos de humanidades oferecidos pela USP, irei aqui privilegiar os seis primeiros cursos que se destacaram nas categorias *populares* e *seletos*. Segundo esta classificação, os cursos considerados *seletos* são aqueles que reúnem o maior número de alunos pertencentes a famílias com alto poder aquisitivo e nível de instrução superior, bem como um ingresso precoce no ensino universitário. São eles, Direito, Administração, Arquitetura, Rádio/TV, Editoração e Relações Públicas; e, os cursos considerados *populares*⁶ são aqueles que concentram os alunos de origem social mais simples, com renda familiar relativamente baixa (até R\$2600,00), pais com nível de instrução básica e que ingressaram na universidade tardiamente. São eles, Biblioteconomia, Pedagogia, Geografia, Letras, História e Filosofia. A meu ver, detectar as diferenças e as semelhanças entre estas duas realidades estudantis distintas constitui-se em um esforço de oferecer subsídios para políticas no setor.

3 .Segundo Pierre Bourdieu,(1983) *habitus* refere-se a um sistema gerador de práticas e orientações, engendradas no passado mas passível de reordenação.

4 Setton Maria da Graça, 2001, "A divisão interna do campo universitário: uma tentativa de classificação" in *Revista do INEP*, dezembro.

5 Os estudantes pertencem aos cursos de Administração, Economia, Contabilidade, Direito, Psicologia, Arquitetura, Pedagogia, Jornalismo, Editoração, Turismo, Publicidade, Biblioteconomia, Artes Plásticas, Artes Cênicas, Rádio e TV, Cinema, Relações Públicas, Música, Letras, Filosofia, Ciências Sociais, História e Geografia.

6 É importante ressaltar que o termo popular não encerra nenhum tipo de juízo de valor ao curso e/ou a seus alunos.

Vida de estudante: a relação com o trabalho

Já há algum tempo pesquisas têm revelado que o trabalho é uma atividade recorrente entre os alunos⁷. Espaço de independência material e como decorrência independência simbólica, o trabalho juvenil parece fazer parte de um momento do crescimento do jovem.

Trabalhar muitas vezes não se esgota em uma atividade profissional fixa e definida. Relacionada com o tipo de escolaridade adquirida, origem social e conjunturas específicas de um mercado de trabalho em constante mutação, o trabalho estudantil deve ser concebido de maneira bastante ampla. Assim, entre os alunos investigados pude detectar um trabalho constante há mais de dois anos revelando um vínculo empregatício relativamente estável, como também pude detectar uma situação de trabalho esporádico, bicos e/ou bolsas de estudo. Ambas as condições ainda que sejam vista de forma semelhante podem expressar, como hipótese, uma relação com o trabalho bastante diferenciada entre os alunos.

A universidade é vivida como um lugar de passagem, um ritual obrigatório, um passaporte para o universo do trabalho.

Considerando a diversidade do público estudantil no que se refere à origem social e cultural, acho pertinente comparar as características que traçam a especificidade do público de cada curso, tentando observar o quanto as diferenças de trajetórias⁸ influenciam o comportamento estudantil.

Assim, a condição de trabalho além de ser um indicador de origem pode revelar as estratégias práticas do alunado. Pode ajudar a compreender as perspectivas quanto à vida acadêmica e à futura profissionalização. Isto posto, relacionando informações, observando as relações de interdependência entre as esferas do trabalho, do estudo e origem social, pode-se chegar a um conhecimento mais seguro das condições de vida do estudantado, suas estratégias de formação profissional e as dificuldades aí encontradas.

Confirmando a hipótese acima, pude observar que a heterogeneidade de situações de trabalho é bastante expressiva. A primeira diferença significativa detectada é entre calouros⁹ e veteranos. Embora muitos calouros já estejam engajados em alguma forma de emprego, é muito maior o número de veteranos nesta condição. Assim, enquanto 51,6% dos calouros de todos os cursos investigados¹⁰ nunca

7 Cardoso & Sampaio, (1994), "Estudantes universitários e o trabalho". In *RBCS*, ano 9, outubro; Madeira, Felícia, (1986), "Os jovens e as mudanças estruturais na década de 70: questionando pressupostos e sugerindo pistas" in *Cadernos de Pesquisa*, (58), agosto, entre outros.

8 Por trajetória considero todo o conjunto de experiências acumuladas ao longo da vida familiar e acadêmica do aluno que resulta em um sistema de disposições que poderia ser denominando de *habitus*.

9 Por calouros entende-se o aluno que ainda não completou um ano de curso.

10 Os dados gerais quando apresentados se referem somente aos cursos pesquisados no ano de 1998, ou seja,

exerceram atividade remunerada, apenas 17,5% dos veteranos se encontram nesta situação; expressiva parcela de 44,2% dos veteranos exerce atividade assalariada há pelo menos dois anos. Entre os calouros um número bastante inferior (12,2%) declarou exercer trabalho remunerado há mais de dois anos.¹¹ (Tabela 1)¹²

É possível afirmar, pois, que ao ingressar na universidade, boa parte dos alunos tem pouca ou nenhuma experiência profissional, contudo pode-se afirmar também que a vida acadêmica aos poucos vai introduzindo o aluno no campo da atividade profissional, independente da carreira escolhida.

Mais do que a falta de uma habilidade específica a condição de calouro encerra ainda uma imaturidade em relação aos planos futuros aliada a um desconhecimento da área a qual está ingressando. É esperado que o primeiro ano universitário seja reservado para o conhecimento de um novo universo que se abre. Refeitos do ritual de passagem do vestibular, e muitas vezes da pressão dos cursinhos, estes alunos enfrentam um novo momento em suas vidas ao se defrontarem com a realidade de novos amigos, novas exigências acadêmicas, enfim um estilo de aprendizagem social e intelectual diferenciado. O trabalho, se possível, é postergado e não faz parte das preocupações do momento.

Não obstante, se o engajamento no mundo do trabalho é mais acentuado entre veteranos do que entre os calouros, seria importante salientar que são mais expressivas as diferenças de inserção entre os alunos dos cursos seletos se comparados aos alunos dos cursos populares. Ou seja, verifiquei que os alunos, independente da condição de ingresso, que estão empregados já há algum tempo estão majoritariamente matriculados nos cursos populares. Inversamente, os alunos que se consideram fora do mercado ou que possuem pequena experiência profissional pertencem aos cursos seletos. Assim, seria possível afirmar que os alunos que possuem uma origem social privilegiada são os que revelam menor vínculo com a realidade do trabalho, como também parecem sofrer menos as pressões de uma vida estudantil limitada por obrigações extra acadêmicas. Caberia perguntar até que ponto uma atividade remunerada prejudica o trabalho acadêmico do aluno. Todas as atividades assalariadas ou bicos poderiam ser considerados da mesma forma? ¹³ (Tabelas 2, 3 e 3a)

Obter apenas informações sobre o exercício de uma atividade extra acadêmica pode às vezes esconder uma realidade diferenciada entre os estudantes Assim buscou-se saber qual o tipo de ocupação já exercida. No que se refere a este

todos os mencionados na nota número 5, exceto os cursos da FFLCH.

11 É interessante salientar que o trabalho ocasional está mais presente entre os alunos dos cursos populares e as bolsas de estudo entre os alunos dos cursos seletos.

12 Para maior comodidade as tabelas encontram-se no final do artigo.

13 A título de curiosidade é interessante observar que enquanto um pouco mais da metade dos veteranos do curso de Administração (55,4%) estão trabalhando há pelo menos dois anos, 67,5% dos alunos de Biblioteconomia estão em idêntica situação.

tópico pude observar situações bem diversificadas. De uma maneira geral, as diferenças de origem social não parecem influenciar o tipo de atividade desempenhada pelo aluno, ou seja, se o aluno está ou não empregado em uma atividade relacionada à formação em aquisição. Contudo, novamente, a grande distinção se dá entre calouros e veteranos. Independente do curso em que o aluno está matriculado, os veteranos ocupam uma situação de vantagem em relação aos seus colegas calouros. Ou seja, os alunos com mais tempo de academia são aqueles que já se engajaram em maior número em atividades relacionadas ao curso.

Verifiquei, entre todos os alunos investigados, que 44,4% dos veteranos exercem atividade relacionada com a carreira escolhida, enquanto 12,2% dos calouros assim declararam. (Tabela 4) Os estudantes veteranos de Relações Públicas e Administração são os mais favorecidos neste sentido. Entre os cursos populares destacam-se seus companheiros do curso de Pedagogia e Biblioteconomia. (Tabela 5)

Cientes das reformulações das políticas econômicas dos últimos anos e de seus reflexos na estrutura do emprego investiguei também as estratégias utilizadas pelos alunos para ingressar no competitivo mercado de trabalho. Parto da suposição de que o diploma universitário, embora ainda seja um importante elemento de distinção não é mais o único requisito necessário. Outras formas de complementação profissional estão sendo postas em prática pelos futuros profissionais, variando apenas as área e as carreiras escolhidas.

No que se refere aos planos de conciliar trabalho e estudo universitário, observei que a maioria dos veteranos pesquisados (76,7%) optou por realizá-los. No entanto, afirmam que o tipo de trabalho a ser desempenhado deve estar relacionado ao curso de profissionalização. Apenas 22,4% dos veteranos pretendem estudar e trabalhar em atividades não vinculadas ao curso. Seria interessante questionar os fatores que levam uma parcela significativa de alunos a fazer tais afirmações. Seriam as condições econômicas que não permitiriam a estes alunos selecionarem a área de trabalho, ou seriam razões de outra ordem? Seria a estrutura do mercado de trabalho atual que abre pouco espaço para alguns deles? (Tabela 6)

Todavia, considerando essas expectativas algumas diferenças interessantes se fazem notar. Perguntando sobre a possibilidade de conciliar as duas atividades, a acadêmica e a profissional, observei que existe pouca diferença de comportamento entre calouros e veteranos. Não obstante, é clara a diferença de planos quando se compara os alunos dos cursos seletos e os alunos dos cursos populares. Estes últimos são os que pretendem aceitar um emprego que pouco se refere à área de profissionalização. Aqui, destacam-se sobretudo os cursos pouco profissionalizantes da FFLCH, em especial os estudantes de Filosofia. Contudo, é importante ressaltar que os cursos de Pedagogia e Biblioteconomia se sobressaem também, pois, embora sejam constituídos pelos segmentos mais populares do estudantado, são exigentes neste quesito, engajando-se somente em ocupações

relativas à área de profissionalização se comparados a seus colegas da FFLCH. Neste sentido é possível inferir que não é apenas a origem social do estudantado, mas também uma formação profissionalizante (ou não) que determina este comportamento.¹⁴ (Tabela 7)

No que se refere à renda pessoal, observei alguns dados interessantes. Como nos itens anteriores, foi possível observar que alguns anos de vida acadêmica contribuem para que a remuneração paga pelo trabalho do estudante sofra um significativo aumento. É nítida a diferença do valor da renda pessoal entre calouros e veteranos. Isto se dá sobretudo nos cursos de Editoração e Biblioteconomia. Adaptados ao novo universo escolar tanto no que se refere aos desafios de uma nova sociabilidade como em relação a uma habilidade adquirida, os veteranos estariam duplamente capacitados a enfrentar o mercado de trabalho. (Tabela 8)

Por outro lado, seria interessante considerar que, embora grande parte do alunado que exerce atividade remunerada pertença aos cursos populares, os níveis de renda maiores se encontram entre os estudantes dos cursos seletos. Ainda que em pequeno número, os alunos que recebem o maior volume de renda se encontram nos cursos de Administração e Editoração, ambos classificados como cursos seletos.

Neste sentido, parece possível afirmar que não são os anos de experiência profissional que determinam o volume da renda pessoal do aluno. O que parece determinar a diferença de renda pessoal é o setor da atividade remunerada ou a ajuda familiar em forma de mesadas para a manutenção das despesas estudantis. É possível pois observar a heterogeneidade das condições de vida e de acesso aos bens de consumo entre os universitários, bem como outras facilidades propostas por um volume maior de renda na população investigada. Embora trabalhando há mais tempo, não selecionando o tipo de atividade a ser exercida, parte dos alunos que tem origem social mais modesta parece acumular dificuldades ao conciliar vida estudantil e vida profissional. Uma dedicação mais antiga ao mundo do trabalho parece não trazer a compensação de uma melhor remuneração ou um maior reconhecimento no mercado. Já como estudantes a hierarquia entre as carreiras se pronuncia configurando distintas oportunidades de vida entre o alunado com um mesmo título de escolaridade oriundos de uma mesma universidade. As diferenças desde cedo se inscrevem em suas vidas, seja pelos recursos que acumularam ao longo de uma trajetória escolar anterior, seja pela opção por determinado curso ou mesmo pela valorização desigual de diplomas no mercado de trabalho.

14 Entre os pedagogos tal atitude poderia ser explicada pela obrigatoriedade de muitas horas de estágio para o recebimento do diploma de graduação. No caso dos alunos de biblioteconomia uma investigação mais apurada poderia nos revelar as razões deste comportamento.

Vida estudantil: planos na academia

Tentando investigar melhor a realidade estudantil, uma série de questões sobre o futuro e os planos relacionados à esfera acadêmica foi formulada. No que se refere aos usos que os alunos pretendem fazer da formação que estão adquirindo, consegui algumas informações interessantes. Embora a grande maioria dos veteranos (69,7%) pretenda trabalhar na área em que está se habilitando, uma parcela importante (20,8%) vê no conhecimento que está adquirindo um auxílio profissional extra, pois pretende especializar-se fora dela. (Tabela 9). Seria interessante observar mais a fundo esta tendência entre os alunos de humanidades em geral. Em relação aos estudantes dos cursos da FFLCH, como os de Filosofia e Ciências Sociais, sabe-se que a conciliação de diplomas de cursos universitários com profissionalização mais definida, revela um interesse, por parte destes alunos, por uma base teórica e conceitual, um conhecimento aprofundado da realidade do pensamento humano que escapa aos cursos de caráter mais técnico.¹⁵

Ao ingressar na universidade, boa parte dos alunos tem pouca ou nenhuma experiência profissional, contudo, a vida acadêmica aos poucos vai introduzindo o aluno no campo da atividade profissional, independente da carreira escolhida.

A respeito deste tópico foi possível observar que as diferenças mais marcantes são ainda entre os calouros e veteranos (Tabela 10). Estes últimos são os que apontam certa inclinação para se dedicarem a outras áreas de habilitação. Alguns anos de vida acadêmica parecem despertar parte dos alunos para usos diversificados dentro de uma formação. O diferencial de um curso universitário que preza e valoriza a abertura de horizontes de investigação, ou mesmo a capacidade de adaptação destes a uma expansão das oportunidades de trabalho são possíveis razões que explicam as tendências verificadas. É o caso do curso de Arquitetura, em que um crescente número de alunos não se dedicam apenas à profissão de arquiteto e tendem para áreas ainda em estágio de consolidação, como por exemplo a Internet e/ou computação de *design* gráficos.¹⁶

A tendência para os usos diferenciados que os alunos veteranos parecem fazer de seus cursos poderia ser explicada ainda pelas incertezas e reformulações constantes do mercado de trabalho. Sofrendo uma pressão e uma competitividade

15 A esse respeito ler Setton, (1988), "Os projetos de profissionalização dos estudantes da FFLCH-USP: algumas considerações" in *Revista Avaliação*, UNICAMP.

16 Embora o trabalho de análise dos depoimentos da pesquisa em andamento não tenha sido concluído, é possível considerar que a realidade acima descrita está presente nos discursos dos alunos investigados.

crecente, o alunado buscaria estratégias de flexibilização de currículos mais particularizadas, mais ajustadas a um gosto individualizado.

É preciso ressaltar que os planos para seguir uma carreira docente no universo do nível superior e no nível fundamental são atraentes para os alunos dos cursos populares, sobretudo os pertencentes à FFLCH, e, como era de se esperar, para os alunos do curso de Pedagogia. Contudo, com baixas expectativas de ganhos e com estreita inserção no mercado acadêmico, os alunos dos cursos populares parecem paradoxalmente ser os que ainda têm um leque mais variado de opções profissionais, pois além das acadêmicas manifestaram interesse na área de formação específica, bem como

Ao ingressar na universidade, boa parte dos alunos tem pouca ou nenhuma experiência profissional, contudo, a vida acadêmica aos poucos vai introduzindo o aluno no campo da atividade profissional, independente da carreira escolhida.

vêm o curso atual apenas como um auxílio profissional. No entanto, é possível que uma disposição tão variada em relação às expectativas

profissionais entre os alunos de origem mais humilde venha apenas nos lembrar que as estratégias de reprodução social destes grupos espelham os limites de suas escolhas. Considerar todas estas possibilidades seria apenas uma maneira de aceitar as oportunidades impostas pelo momento, tornar a necessidade uma virtude. Investir em apenas uma opção é prerrogativa dos que possuem uma certa distância em relação ao mundo, isto é, possuem um gosto de liberdade.¹⁷ (Tabela 10)

Perguntou-se também sobre os planos acadêmicos após o término do curso. Esta questão pretendia avaliar o grau de satisfação dos alunos com a formação adquirida, frente aos desafios que irão enfrentar em um mercado em constante alteração. Segundo eles, os cursos estariam adequados ao campo de trabalho selecionado? Haveriam falhas neste processo de formação profissional? Tentando abordar a questão sob diversos ângulos, indaguei se pretendiam continuar estudando. Entre os alunos, de uma forma geral, verificamos que dar continuidade aos estudos é uma realidade - 70,9% dos veteranos e 77,0% dos calouros assim declararam. (Tabela 11) Observei também que o tipo de continuidade não tem apenas uma direção. Alguns alunos pretendem fazer mais um curso de graduação e outros pretendem preparar-se para uma pós-graduação.

De uma forma geral, é possível perceber que a aspiração de prolongar os anos dentro da academia em um curso de pós-graduação está mais presente entre

17 Gosto de liberdade refere-se ao poder de controlar a necessidade da sobrevivência material mais imediata, um certo desprezo pelas contingências da vida mundana. A este respeito procurar Bourdieu, P. 1983, "Gosto de classe e estilo de vida" in Bourdieu, Coleção Ática, Grandes Cientistas Sociais, (org. Renato Ortiz).

os calouros (48,0% entre os veteranos e 53,7% entre os calouros). Ainda pouco ambientados com as exigências acadêmicas, seriam eles mais inexperientes e sonhadores? Ou a pressão por uma independência financeira e profissional recairia mais entre os veteranos? (Tabela 12)

Por outro lado, é significativo que os cursos de pós graduação estejam mais frequentes entre os planos dos alunos dos cursos seletos. Considerando que estes cursos congregam as carreiras mais competitivas, tais como a de administração, advocacia e/ou relações públicas, e que estas áreas encerram um leque muito variado de especializações, é esperado que seus alunos planejem uma formação distintiva semelhante à posição social de origem. O diferencial de uma especialização acadêmica, entre outras, parece ser um quesito necessário para as estratégias de reprodução dos grupos de elite.¹⁸ No entanto, como compreender os planos de pós entre alunos dos cursos de Pedagogia e História? Mais de 50% deles, sejam calouros ou veteranos, pretendem fazer pós graduação ao terminarem o curso atual. As dificuldades relativas aos postos de coordenação científica nestas áreas ou mesmo entre os profissionais do magistério parecem apontar para uma tendência à especialização. Neste sentido, será que a procura generalizada por cursos de especialização não seria mais um sintoma do enfraquecimento dos conteúdos ministrados em muitas instituições e da banalização dos diplomas universitários como elemento distintivo? (Tabela 12a)

Todavia, é significativo que as diferenças de origem social tenham reduzida influência nos planos de continuidade dos estudos entre os alunos investigados. Tudo leva a crer que o convívio universitário, a socialização e adaptação de idéias que circulam neste mundo tem uma força homogeneizadora, fazendo com que as expectativas acadêmicas entre alunos com procedência social distinta não sejam tão diversificadas, tal como observado no universo acadêmico francês. Não obstante, resta investigar a distância entre planos e realizações. Quais as reais chances de estudantes fortemente marcados pelas exigências da sobrevivência se dedicarem exclusivamente aos estudos e à pesquisa? Investigações têm mostrado que os alunos que abandonam a academia ou que recebem tardiamente os certificados escolares são aqueles que têm origem nas frações mais humildes da sociedade¹⁹.

Outra forma de apreender as representações a respeito da formação profissional foi indagar sobre as estratégias utilizadas para sua complementação. Já foi dito que existe um certo consenso em torno da idéia de que as possibilidades de acesso a uma carreira bem sucedida não se esgotam na obtenção do diploma universitário. É necessário considerar que as transformações e a instabilidade das

18 Outras estratégias educacionais verificadas entre os grupos de elite são os cursos de extensão no exterior ou intercâmbios culturais. Mais informações Nogueira & outros (org), 2000, "*Família e Escola*. Ed. Vozes.

19 A este respeito procurar pesquisas sobre evasão feitas pelo NAEG Núcleo de Apoio aos estudos da Graduação e NUPES - Núcleo de Pesquisa sobre o ensino superior - USP.

exigências do mercado de trabalho atual dificultam uma apreensão mais objetiva por parte dos alunos acerca das características profissionais requisitadas. Assim, perguntou-se aos alunos o que seria mais eficaz para enfrentar o competitivo mercado de trabalho. O aluno poderia selecionar duas opções. Observei que as opiniões estão bem divididas. Embora metade dos veteranos (50,8%) e mais da metade dos calouros (56,0%) de uma forma geral acredite ser necessário obter conhecimento de idiomas e noções de informática, outras opções foram também selecionadas por uma expressiva parcela de alunos. Entre os veteranos de uma maneira geral, 33,8% acreditam que conciliar curso de graduação e cursos de especialização na área de formação é o mais indicado: 26,2 consideram importante flexibilizar o currículo dos cursos e 29,7% crêem que é suficiente conciliar o curso de graduação com uma atividade remunerada relacionada a ele. As opções acima apontadas refletem o estado de incerteza que cerca a formação dos atuais estudantes e eles expressam a dificuldade explicitamente. Entre os calouros a tendência é bastante semelhante já que 56,0% dos alunos são favoráveis ao conhecimento de idiomas e informática; 34,6% optaram por conciliar curso de graduação e especialização; 28,0% privilegiaram a flexibilização do currículo e 19,4% optaram pela antiga fórmula de dedicação aos estudos e trabalho na área de formação²⁰. (Tabela 13)

Ainda que a variedade de posicionamentos acima observada pareça ter relação com algumas especificidades dos cursos e menos com a origem social dos estudantes é preciso salientar que as estratégias mais comuns, como apenas estudar e trabalhar na área, parecem soar como pouco eficazes para todos, dando espaço para o surgimento de outras mais produtivas, como conhecimentos de idiomas estrangeiros e informática. Estas duas estratégias sendo reconhecidas como especialmente eficientes pois asseguram os quesitos mais procurados no mercado. Chamou atenção também para o fato de todas essas estratégias serem fruto de um empenho individualizado, revelando pois serem práticas oficialmente pouco institucionalizadas mas correntemente usadas pelos alunos. É sabido que as poucas e tímidas iniciativas formais empreendidas pela universidade no sentido de sanar dificuldades de ordem financeira e cultural – *como por exemplo bolsas auxílio que garanta a sobrevivência do aluno com baixos recursos familiares ou a oferta de cursos de línguas ou informática gratuitos* – têm afastado gradualmente dos bancos universitários uma parcela de alunos que em um sucesso improvável conseguiram chegar no ensino superior público. É preciso pois, dirigir um olhar mais atento para a realidade heterogênea do corpo discente a fim de garantir a circulação equânime de uma competência universitária. (Tabela 14 e 14a)

20 Ainda que a situação de ingresso pouco influencie nas respostas deste tópico vale ressaltar que entre os calouros é mais expressiva a tendência por flexibilizar os currículos, embora encontre exceções como entre os veteranos dos cursos de Editoração e Relações Públicas, que manifestaram um forte desejo neste sentido.

No que se refere à experiência anterior no mundo acadêmico é possível observar alguns dados interessantes. É possível verificar que o comportamento entre calouros e veteranos neste item sofre variações em certos cursos. Principalmente nos cursos seletos oferecidos pela ECA e o curso de Administração os veteranos na academia já acumularam outras experiências no nível superior. Tendo já outro diploma universitário e/ou frequentado e não concluído uma outra graduação, estes alunos possuem uma bagagem estudantil diferenciada. Não obstante, a tendência de duplicar certificados de conclusão é muito mais acentuada entre os alunos dos cursos populares, sejam eles calouros ou veteranos. Em seis cursos cinco deles tem mais de 40% de alunos com experiência universitária acumulada - exceto Biblioteconomia. Entre eles parece ser mais comum a desistência e não conclusão de cursos anteriores. A posse de um outro diploma universitário é bastante expressiva sobretudo entre os alunos do curso de Filosofia. Entre os alunos da FFLCH foi possível detectar que as razões de tal comportamento encerram algumas tendências, quais sejam, a necessidade de se destacarem no mercado com um conhecimento diferenciado, a necessidade de abertura intelectual e o puro diletantismo.²¹ (Tabela 15)

As diferenças desde cedo se inscrevem em suas vidas, seja pelos recursos que acumularam ao longo de uma trajetória escolar anterior, seja pela opção por determinado curso ou mesmo pela valorização desigual de diplomas no mercado de trabalho.

Investigando mais atentamente as representações que os alunos possuem das carreiras que escolheram indagou-se quais as principais características que um bom profissional deve possuir em sua área de formação. A questão era aberta e, a partir das opções apontadas, foi possível classificá-las em cinco categorias. Verifiquei que não existe unanimidade entre os alunos neste aspecto. As opiniões estão bem divididas. Tanto entre os veteranos como entre os calouros a tendência é semelhante.

Investigando mais atentamente as representações que os alunos possuem das carreiras que escolheram indagou-se quais as principais características que um bom profissional deve possuir em sua área de formação. A questão era aberta e, a partir das opções apontadas, foi possível classificá-las em cinco categorias. Verifiquei que não existe unanimidade entre os alunos neste aspecto. As opiniões estão bem divididas. Tanto entre os veteranos como entre os calouros a tendência é semelhante.

Entre as categorias criadas, *academicamente competente* que se refere às qualidades do profissional bem preparado, com sólida formação prática e teórica foram escolhidas por 35,6% dos veteranos; *criatividade / versatilidade* e qualidades afins que remetem a um perfil profissional apto a interagir com as transformações recentes do mercado, foram escolhidas por 31,3%; *características subjetivas* como sensibilidade, emoção, talento e dedicação, entre outras, foram selecionadas por 27,1% dos estudantes; *características tradicionais* como ser prático, dinâmico e racional foram opções de 23,6%; e por último, *característi-*

²¹ Sobre este tópico recorrer à nota 14.

cas éticas e morais, como honestidade, justiça e caráter foram consideradas por apenas 9,1% dos alunos. (Tabela 16)

Não obstante, seria interessante observar que a variação constatada pouco resulta das diferenças sociais entre os alunos ou de sua situação de ingresso. Na realidade, as qualidades escolhidas estão diretamente relacionadas à área de formação e a prática profissional futura. Ou seja, parecem ser decorrência de uma socialização universitária. Por exemplo, as características subjetivas como sensibilidade, emoção, talento e dedicação são as mais citadas entre os futuros pedagogos e relações públicas, e as características de criatividade e versatilidade estão mais presentes entre os arquitetos, relações públicas e editores. De uma maneira geral, salientei que a competência acadêmica surge como um dos quesitos mais procurados pelos alunos. Certos das exigências no campo do trabalho, o esforço e a dedicação dentro da academia surgem como quesitos comuns em todas as áreas. (Tabelas 16a e 16b)

No entanto, vale ressaltar que este tópico nos traz algumas indagações inquietantes. Qual a formação que pode dispensar de maneira tão explícita qualidades profissionais de natureza ética? É significativo que a maior parte dos estudantes não considere relevante, para seu desempenho profissional, uma formação moral. Seria possível afirmar que as referências profissionais às quais eles se espelham não dariam ênfase a esta particularidade? As imagens veiculadas pelos profissionais de sucesso tratariam esta característica como secundária? Ou a socialização universitária é falha neste sentido? Uma análise mais cuidadosa sobre este item poderia trazer informações interessantes. (Tabela 16)

A seqüência de questões que segue refere-se à tentativa de estar atento ao grau de satisfação e comprometimento do aluno em relação ao curso. Elaborei um conjunto de questões que, indiretamente, oferece subsídios para avaliar suas expectativas acadêmicas e profissionais. A primeira delas é relativa à interpretação de sua escolha profissional. É significativo que 70,1% dos veteranos e 73,1% dos calouros tenham declarado que, ao se inscrever no vestibular, acreditavam que a escolha correspondia a sua verdadeira vocação. (Tabela 17) Neste item observei uma situação bastante diversificada. Entre os cursos seletos, os alunos do curso de Arquitetura destacam-se por serem os que mais acreditam ter vocação para a área e entre os cursos populares destacam-se os alunos do curso de História. (Tabela 18 e 18a)

De uma maneira geral, não obstante, a diferença que se faz notar está presente entre calouros e veteranos dos cursos seletos. Alguns anos de curso parecem ser, entre eles, os causadores das mudanças em relação à crença em uma vocação. É expressiva, entre os veteranos dos cursos seletos, a imagem de que o curso está apenas dentro de suas possibilidades de escolha, perdendo espaço a idealização de uma formação ajustada a seus interesses. Poderíamos considerar que as trans-

formações de representações vistas neste item são expressões de um sentimento de frustração dos veteranos ou, talvez, produto do amadurecimento e/ou maior conhecimento das possibilidades envolvidas? Estariam revelando baixas expectativas acadêmicas tal como o estudante universitário francês?

Entre os cursos populares é possível observar essa mesma tendência, embora de forma menos acentuada, destacando-se sobretudo os alunos de Biblioteconomia, Geografia e Letras que declararam encontrar nestes cursos as reais condições de acesso à universidade. Marcados por um sentido prático, por um estilo de vida ajustado às reais condições de existência, estes alunos parecem expressar nas opções de carreira a interiorização de uma hierarquia de oportunidades.

Dando prosseguimento às questões sobre as expectativas acadêmicas do estudantado, perguntou-se sobre a forma como se relacionam com a idéia de término do curso. Observei em geral que tanto calouros como veteranos têm o desejo de terminá-lo. Todavia, algumas variações interessantes foram identificadas. Entre os calouros, o otimismo em relação à conclusão está mais presente entre os cursos seletos, ao contrário, entre os alunos dos cursos populares esta idealização é mais constante entre os veteranos. Alguns anos de socialização universitária parecem ser suficientes para mexer com as condições de realização de alguns planos. No entanto, os motivos que movem a reflexão dos alunos de cursos tão distintos certamente são também muito diferenciados. Será que o grau de satisfação em relação à formação adquirida é a mesma entre estes alunos? Seria possível afirmar que o universo do ensino superior entre alunos de origem tão distinta esteja sendo apropriado de maneira uniforme? (Tabela 19)

Creio que o processo de adaptação, aprendizado e socialização sofrido pelos alunos dos cursos populares tem toda a chance de ser vivenciado de maneira mais proveitosa. Oriundos, na maioria das vezes, do ensino público de baixa qualidade, os que têm acesso à universidade gratuita sentem-se recompensados pelas oportunidades intelectuais até então desconhecidas. Desta forma é compreensível que alguns anos de experiência dentro da academia os envolvam de maneira mais intensa. Já os alunos dos cursos seletos poderiam estar vendo no ensino universitário uma linearidade na aquisição de novos conhecimentos, tendo portanto menor incentivo em sua continuidade.

As diferenças desde cedo se inscrevem em suas vidas, seja pelos recursos que acumularam ao longo de uma trajetória escolar anterior, seja pela opção por determinado curso ou mesmo pela valorização desigual de diplomas no mercado de trabalho.

Por fim, no que se refere às esperanças de ingresso no mercado de trabalho pude observar um otimismo quase generalizado entre os alunos. Depois de indagar sobre as estratégias e o perfil mais adequado de um bom profissional da atualidade, perguntou-se sobre as reais expectativas de engajamento no mercado profissional após o término do curso. Verifiquei *grosso modo* que os alunos apostam em um grande potencial de empregabilidade: 69,2% dos veteranos e 82,9% dos calouros acreditam conseguir emprego na área de formação. (Tabela 20) É interessante considerar que uma mudança de percepção em relação a esse otimismo surge entre calouros e veteranos. Ou seja, encontrei entre os novatos uma idealização mais acentuada em se estabelecer como empregado dentro da área de profissionalização. Poucos são aqueles, com exceção dos alunos de Arquitetura, que têm a pretensão de abrir um negócio por conta própria. Entre os veteranos, contudo, as expectativas são um pouco distintas. O trabalho autônomo ou o exercício profissional fora da área de inserção surgem como opções. Esta tendência parece ser mais acentuada nos ramos da editoração e da arquitetura. Destaca-se também o fato de ser comum a crença no potencial de colocação profissional entre os alunos dos cursos populares e seletos. É como se as diferenças sociais não alterassem suas expectativas de engajamento. Estariam os alunos da Universidade de São Paulo corretos em relação a este ponto de vista? Pesquisas comparativas entre a real inserção profissional dos alunos da USP e colegas de outras instituições de nível superior poderiam estar nos auxiliando neste sentido. (Tabela 21 e 21a)

Considerações finais

Este artigo procedeu a uma síntese comparativa das representações acadêmicas e sociais de dois segmentos universitários. A análise dos condicionamentos sócio-culturais do estudantado permitiu observar, em pesquisas anteriores, que existe uma classificação velada e uma correspondência entre as diferenças de recursos dos alunos e a procura por determinados cursos e carreiras. O objetivo deste artigo foi fazer uma análise comparativa entre estes alunos no que se refere à inserção no trabalho, estratégias acadêmicas e profissionais.

Detectar a variada composição da clientela dos cursos contribuiu também para a polêmica questão das possibilidades de acesso ao ensino superior. Não obstante, a meu ver, essa ampliação de oportunidades, no Brasil, não corrobora a idéia de democratização educacional. O que se verifica é uma expressiva divisão interna entre instituições, cursos e expectativas de carreira, divisão essa que reflete as distintas oportunidades educacionais em uma sociedade de classes.

A partir de consultas bibliográficas detectou-se que a heterogeneidade do público universitário é uma realidade tanto no universo acadêmico brasileiro como

no universo acadêmico francês. A hierarquização interna dos cursos e a ampliação do sistema superior demonstra que a diversificação desta clientela está presente tanto nas instituições públicas como nas privadas. A universidade no Brasil, como na França, não é mais privilégio das elites. É forçoso, pois, analisar as diferenças a partir da divisão dos segmentos profissionais, em ambos os países.

A hipótese deste artigo, que veio a se confirmar, era que essas diferenças de origem social e trajetória acadêmica poderiam estar determinando as variações em relação à inserção no mercado de trabalho, em relação às expectativas acadêmicas e profissionais entre os alunos. Contudo, é evidente a força exercida pelos anos de academia na formação dos planos, representações e práticas relacionadas à vida acadêmica e profissional entre eles.

Assim posto, a análise comparativa das representações dos alunos de cursos considerados *seletos* e *populares* contribuiu para a verificação de distintas realidades estudantis. No caso específico desta pesquisa observou-se que a inserção no mercado de trabalho, remuneração, estratégias de profissionalização e ou expectativas acadêmicas e profissionais embora estejam fortemente relacionadas às escolhas de carreira, verificou-se também que a origem social ou os anos dentro da academia ainda são importantes variáveis que condicionam parte significativa destas práticas para o estudante brasileiro.

Bibliografia

BERTHELOT, JM. (1990), Les effets pervers de l'expansion des enseignement supérieur les cas de la France - *Sociétés Contemporaines* / 4.

BOURDIEU, Pierre . (1998). **Escritos de Educação**. org. Nogueira&Catani. Ed. Vozes.

BOURDIEU, P. (1983), **Pierre Bourdieu**. (org. Renato Ortiz). Ed. Ática. São Paulo.

BOURDIEU, P.& BOLTANSKI, L. & SAINT-MARTIN,M.(1979), As estratégias de Reconversão, em Durand, J.C., **Educação e Hegemonia de Classe - as funções ideológicas da escola**. Rio de Janeiro.

BOURDIEU, P.e PASSERON J.C. (1967) **Los estudiantes y la cultura**. Nueva colección labor. Ed. Labor.

CANCEIL, G.(1993), Vers un enseignement supérieur de masse - **Données sociales / Insee**.

CASTRO, C.L.MONTEIRO de et alii,(1968), **Caracterização sócio-econômica do estudante universitário**. Rio de Janeiro. INEP/MEC.

COULON, A. (1997), **Le métier d'étudiants. L'entrée dans la vie universitaire**, Paris, PUF.

DIDIER, Lapeyronne, & Marie, JL. (1992), **Campus Blues: les étudiants face a leurs études**. Paris, Seuil.

DUBET, François.(1994), Université et Villes. (org). **Programme interministeriel de recherche l'université et la ville**. Ed. Harmattan

ERLICH, Valérie, (1998), **Les nouveaux étudiants - un groupe social en mutation**. Armand Colin. Paris

GALLAND, Olivier. (org.),(1995), **Le monde des étudiants**. Paris. PUF.

GALLAND, O., OBERTI, M. , (1996a), **Les étudiants**. Ed. La Découvert. Paris.

GALLAND, Olivier & OBERTI, Marco. (1996b), **Les étudiants**. PUF. Paris .
Collection Decouvert.

GOUVEIA, Aparecida Joly. (1968), Democratização do ensino superior. In **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, n° 112, vol.50, out./dez., MEC-INEP.

_____ (1972), "Origem étnica e situação socioeconômica dos universitários paulistas. In **Revista de Administração de Empresas**, janeiro/março, !2(1):71-80. Rio de Janeiro.

GRIGNON,C.,GRUEL,L., (1999), **La vie étudiante**. PUF. Paris.

GRIGNON, Claude, GRUEL, Louis, BENSOUSSAN, Bernard. (1996), **Les conditions de vie des étudiants: enquête 1994**. OVE.

LAHIRE, Bernard.(1996), **Les manières d'étudier: enquête 1994**. OVE.

MARTINS, C.B. (1988), **Ensino pago: um retrato sem retoques**. S.P. Cortez. Ed.

MOLINARI, Jean Paul. (1992), **Les étudiantes**. Paris Les éditions ouvrier. Collection portes ouverte.

_____ (1993), L'unité d'une mosaïque? In **Les étudiantes et la lecture** (org). Fraisse, Emmanuel.

NOGUEIRA, Maria Alice et alii, (2000), **Família e Escola - trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**. Ed. Vozes. Petrópolis. Rio de Janeiro.

PRANDI, Reginaldo, (1980), **Os futuros cientistas sociais - algumas características, avaliações e expectativas dos alunos de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo**. Depto. de Ciências Sociais.

(1982), **Os favoritos degradados - ensino superior e profissões de nível universitário no Brasil hoje**. Ed. Loyola. São Paulo.

RENAULT, A. (1995). **Les revolutions de l'université**. Calman - Levy, Paris.

SANTOS, Cássio M., (1996), **O perfil sócioeconômico dos candidatos e dos matriculados pelos vestibulares da UNESP em 1992: o grau de elitização dos cursos de Marília e Araçatuba**. Mestrado Universidade Estadual Paulista - Campus Marília.

SAMPAIO, H. (2000), **Ensino Superior no Brasil - o setor privado**. Ed. Hucitec /FAPESP. S.P.

SCHWARTZMAN, Simon, (1992), A trajetória acadêmica e profissional dos alunos da USP - Posição social da família e experiência universitária. Análises preliminares - AP3/92. **NUPEB** - Núcleo de Pesquisas sobre Ensino Superior - USP.

SETTON, Maria da Graça J.,(1998), "*Os projetos de profissionalização dos estudantes da FFLCH - USP: algumas considerações*". In Revista Avaliação - UNICAMP.(trabalho apresentado na XXI ANPED, Caxambu, 1998).

_____ (2001), A divisão interna do campo universitário: uma tentativa de classificação. **Revista do INEP**- dezembro.

SILVA Jr, J.R.& SGUISSARDI,V.(1999), Reconfiguração da educação superior no Brasil e redefinição das esferas pública e privada nos anos 90. In **Revista Brasileira de Educação**. jan. a abr. / n 10. **ANPED**. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação.

STOFFLER, Kern, MARTINELLI, Daniel. (1994), **Parcours de formation et insertion professionnelle des étudiants: sources et méthodes**. CEREQ.

VERGNIES, J. Frederic.(1997), **L'insertion professionnelles des diplômés de l'enseignement superieur: enquête 1997**.

Tabela 1 - Situação de ingresso e inserção no mercado de trabalho. 1999 - (Total dos 18 cursos)

	Calouros	Veteranos
Realiza trabalhos ocasionais	24,7	29,6
Nunca exerceu atividade remunerada	51,6	17,5
Está assalariado há mais de 2 anos	12,2	23,2
Está assalariado há menos de dois anos	8,7	21,0
Bolsa de estudo	0,8	7,3
S/r	2,3	3,9

Tabela 2 - Curso de origem, situação de ingresso e situação de emprego.1998.

Situação	Calouros			Veteranos				
	empregado	desempregado	Fora / mercado	nr	empregado	desempregado	fora /mercado	nr
<u>Seletos</u>								
Administração	22,7	14,7	60,7	1,8	60,9	13,4	25,1	0,6
Direito	19,4	13,2	66,6	0,8	49,7	8,8	39,9	1,6
Arquitetura	4,6	24,6	12,3	-	34,8	18,4	45,2	1,6
Editoração	15,4	30,8	53,8	-	58,1	12,9	29,0	-
Rádio/TV	26,7	26,7	46,7	-	37,5	21,9	40,6	-
Relações Públicas	11,1	22,2	63,0	3,7	40,5	33,3	26,2	-
<u>Populares</u>								
Pedagogia	46,2	19,7	33,3	0,9	73,2	8,6	16,2	2,0
Biblioteconomia	51,9	22,2	22,2	3,7	16,7	11,6	9,3	2,3
Geografia	40,6	31,3	25,6	2,5	61,8	21,8	13,8	2,6
Letras	43,9	21,2	33,5	1,4	70,0	12,7	14,2	3,1
História	38,1	17,9	41,7	2,3	60,4	16,7	21,4	1,5
Filosofia	57,3	18,8	22,2	1,7	59,1	8,6	17,3	5,0

Tabela 3 - Curso de origem, situação de ingresso e inserção no mercado de trabalho. 1998.

	Veteranos					
Situação	Nunca trabalhou	empregado há + 2 anos	empregado há - 2 anos	bolsa	ocasional	nr
<u>Seletos</u>						
Administração	11,7	30,3	25,1	6,6		5,1
Direito	27,6	18,2	27,8	3,2		3,2
Arquitetura	16,4	5,2	13,8	10,2		2,3
Editoração	19,4	35,5	22,6	3,2		3,2
Rádio/TV	28,1	12,5	12,5	9,4		-
Relações Públicas	14,3	16,7	14,3	9,5		2,4
<u>Populares</u>						
Pedagogia	5,6	51,0	15,2	10,3		4,0
Biblioteconomia	-	44,2	23,3	16,3		7,0
Geografia	-	11,2	48,6	9,4	21,5	-
Letras	-	50,8	15,3	5,3	19,4	-
História	-	42,5	13,5	11,7	21,5	-
Filosofia	-	43,7	12,2	6,8	26,0	-

Tabela 3a - Curso de origem, situação de ingresso e inserção no mercado de trabalho. 1998.

Calouros						
Situação	Nunca trabalhou	empregado há + 2 anos	empregado há - 2 anos	bolsa	ocasional	nr
<u>Seletos</u>						
Administração	54,0	6,7	10,4	-		3,1
Direito	64,8	12,2	5,4	1		1,6
Arquitetura	55,4	2,3	3,8	0,8		2,3
Editoração	38,5	7,7	-	7,7		-
Rádio/TV	53,3	-	6,7	-		6,7
Relações Públicas	44,4	18,5	3,7	7,4		3,7
<u>Populares</u>						
Pedagogia	26,5	32,5	12,8	0,9		4,3
Biblioteconomia	18,5	33,3	29,6	-		-
Geografia	-	31,8	13,4	0,6	28,7	8,5
Letras	-	25,8	18,0	1,5	24,2	-
História	-	20,4	16,7	2,3	24,1	-
Filosofia	-	39,1	15,5	3,6	27,3	-

Tabela 4 - Curso de origem, situação de ingresso e tipo de ocupação exercida. 1999 (Total dos 18 cursos)

	Calouros	Veteranos
sim	12,2	44,4
não	22,7	14,3
em parte	55,5	9,1
s/r	59,6	32,2

Tabela 5 - Curso de origem, situação de ingresso e tipo de ocupação exercida. 1998 (O trabalho que você exerce tem relação com o curso que você frequenta?)

Situação	Calouros				Veteranos			
	sim	não	em parte	nr	sim	não	em parte	nr
<u>Seletos</u>								
Administração	12,9	22,7	5,5	58,9	46,9	13,1	12,6	27,4
Direito	8,3	22,8	4,9	64,0	42,0	12,4	7,1	38,5
Arquitetura	7,7	17,7	3,1	71,5	45,2	7,9	8,2	38,7
Editoração	-	-	23,1	76,9	45,2	12,9	12,9	29,0
Rádio/TV	6,7	33,3	-	60,0	37,5	18,8	12,5	31,3
Relações Públicas	3,7	18,5	18,5	59,3	54,8	7,1	9,5	28,6
<u>Populares*</u>								
Pedagogia	32,5	24,8	2,6	40,2	64,9	14,9	5,6	14,6
Biblioteconomia	7,4	29,6	22,2	40,7	60,5	27,6	2,3	9,3

* não temos esta informação para os cursos da FFLCH.

Tabela 6 - Situação de ingresso e expectativas de conciliar estudo e trabalho. 1999 - (Total dos 18 cursos)

	Calouros	Veteranos
apenas estudar	71,5	3,3
estudar e trabalhar em atividades não vinculadas	24,8	22,4
estudar e trabalhar em atividades vinculadas	6,3	76,7
s/r	1,4	1,7

Tabela 7 - Curso de origem, situação de ingresso, expectativas de conciliar estudo e trabalho - 1998.

Situação	Calouros		Veteranos		nr		nr	
	apenas estudar	estudar/trabalhar c/ vínculo	apenas estudar	estudar/trabalhar c/ vínculo	estudar/trabalhar sem vínculo	estudar/trabalhar sem vínculo	estudar/trabalhar sem vínculo	nr
<u>Seletos</u>								
Administração	4,3	76,1	1,4	76,9	22,1	76,9	22,9	1,7
Direito	6	74,1	4,2	80,8	23,8	80,8	15,8	1,5
Arquitetura	10	76,2	3,6	77,1	17,7	77,1	25,2	-
Editoração	-	76,9	3,2	87,1	23,1	87,1	16,1	-
Rádio/TV	13,3	60	-	75	33,3	75	34,4	-
Relações Públicas	7,4	74,1	-	73,8	22,2	73,8	28,6	2,4
<u>Populares</u>								
Pedagogia	2,6	65,0	2,6	75,2	30,8	75,2	19,2	3,0
Biblioteconomia	-	63	4,7	79,1	40,7	79,1	18,6	-
Geografia	6,9	20,6	5	17	71,9	17	74,7	3,3
Letras	10,4	12,5	4,9	11,6	74,4	11,6	81,1	2,4
História	8,5	14,3	5,3	16,7	74,9	16,7	75,5	2,5
Filosofia	5,1	8,5	7,1	14,2	84,6	14,2	77,8	2,5

Tabela 8 - Curso de origem, situação de ingresso e renda pessoal - 1998

	Calouros		até 600		600 a 2600		2600 a 5200		mais 5200		Veteranos		600 a 2600		2600 a 5200		mais 5200		
	nr	nr	nr	nr	nr	nr	nr	nr	nr	nr	nr	nr	nr	nr	nr	nr	nr	nr	
<i>Seletos</i>																			
Administração	13,5	12,9	11,7	1,8	0,6	10,3	22,3	38	6,6	0,8									
Direito	11,4	10,3	9,6	4,9	1,6	11,8	27,2	21,9	4,1	1,8									
Arquitetura	13,8	10,8	3,1	0,8	-	16,1	40,6	12,5	1	-									
Editoração	15,4	7,7	-	-	-	6,5	25,8	32,3	6,5	-									
Rádio/TV	13,3	20	-	-	-	15,6	28,2	9,4	-	-									
Relações Públicas	11,1	11,1	11,1	-	3,7	7,1	52,3	9,5	-	-									
<i>Populares</i>																			
Pedagogia	2,6	30,7	18,8	3,4	0,9	16,9	35,8	33,8	2,6	0,6									
Biblioteconomia	22,2	29,6	14,8	-	-	16,3	25,6	51,2	2,3	-									
		até 600	600 a 1200	1201 / 1600	+ de 1600		até 600	600 a 1200	1201 / 1600	+ de 1600									
Geografia	4,9	80	10,7	3,8	0,6	5,1	65,1	17,9	7,8	2,4									
Letras	9,0	68,2	12,9	4,3	5,6	3,5	56,6	20,2	12,4	5,7									
História	6,8	67,7	14,3	10,3	0,9	4,8	66,6	18,2	7,4	3,6									
Filosofia	3,5	56,4	17	10,3	12,8	2,2	55,8	20,7	9,9	8,0									

**Tabela 9 - Situação de ingresso e aspiração profissional. 1999
(Total dos 18 cursos)**

	Calouros	Veteranos
seguir carreira docente magistério superior	4,1	12,7
seguir carreira docente magistério fundamental e médio	75,7	4,2
trabalhar na área em que o curso habilita	8,5	69,7
trabalhar área intermediária/ especialização fora	7,2	10,7
auxílio profissional	6,3	10,1
não pretende utilizar	0,4	1,3
outros	1,6	2,6
s/r	1,8	1,8

**Tabela 11 - Situação de ingresso e planos acadêmicos. 1999
(Total dos 18 cursos)**

	Calouros	Veteranos
outra graduação	23,3	22,9
pós	53,7	48,0
só trabalho	9,1	20,9
sem planos	15,7	13,1
nr	1,3	1,3

Tabela 12 - Situação de ingresso e planos acadêmicos. (Total dos 18 cursos)*

	Calouros	Veteranos
outra graduação	23,3	22,9
pós	53,7	48,0
só trabalhar	9,1	20,9
sem planos	15,7	13,1
n/r	1,3	1,3

Tabela 10 - Curso de Origem, situação de ingresso e aspiração profissional - 1998.

Aspiração	Calouro		Mag. Básico	Área Hab.	Especia- lização	Auxílio Prof.	nr	Veterano		Mag. Básico	Área Hab.	Especia- lização	Auxílio Prof.	nr
	Mag. Super.	Mag. Super.						Mag. Super.	Mag. Super.					
<u>Seletos</u>														
Administração	3,7		0,6	76,7	11	8	3,7	5,4		0,9	68,6	12,3	14,3	0,9
Direito	9,1		0,8	78	7,3	8	1,0	14		0,5	76,2	8,3	8,8	1,3
Arquitetura	6,9		-	87,7	3,1	4,6	0,8	12,1		1,3	76,7	15,7	8,9	1,0
Editoração	-		-	92,3	-	7,7	-	16,1		3,2	80,6	19,4	3,2	-
RádiorTV	6,7		-	100	-	-	-	3,1		-	75	25	3,1	3,1
Relações Públicas	3,7		7,4	66,7	14,8	7	-	7,1		-	69	21,4	7,1	-
<u>Populares</u>														
Pedagogia	23,9		38,5	35	2,6	6	1,7	24,5		30,1	35,4	9,3	10,6	4,0
Biblioteconomia	11,1		-	70,4	11,1	7,4	3,7	9,3		4,7	83,7	9,3	11,6	-
Geografia	25,4		10,3	27,0	-	13,4	-	28,3		16,4	31,7	-	10,4	-
Letras	21,7		8	26,4	-	27,6	-	25,6		13,6	21,5	-	30,7	-
História	39,7		11,6	9,9	-	24,4	-	42,4		16,9	11,2	-	19,1	-
Filosofia	31,2		1,6	7,2	-	37,2	-	25,6		13,6	21,5	-	20,7	-

Tabela 12a - Curso de origem, situação de ingresso e planos acadêmicos - 1998.

Planos	Calouro		só trabalho	sem planos	nr	Veterano		pós	só trabalho	sem planos	nr
	Outra graduação	pós				Outra graduação	nr				
<u>Seletos</u>											
Administração	20,2	69,3	3,7	7,4	1,8	26,3	49,4	19,4	9,4	1,1	
Direito	21,8	54,7	9,3	17,9	0,3	20,6	50,7	20,4	13,9	1,1	
Arquitetura	22,3	41,5	12,3	25,4	1,5	18,7	39	35,1	14,4	1,3	
Editoração	30,8	38,5	7,7	23,1	-	29	29	29	16,1	-	
Rádio/TV	33,3	33,3	6,7	33,3	-	25	28,1	25	28,1	-	
Relações Públicas	22,2	40,7	18,5	18,5	-	23,8	64,3	16,7	2,4	-	
<u>Populares</u>											
Pedagogia	24,8	54,7	3,4	15,4	3,4	24,2	52,6	13,6	12,9	3,0	
Biblioteconomia	29,6	33,3	14,8	18,5	3,7	39,5	37,2	23,2	9,3	-	
Geografia	22	41,5	8,5	28	-	25,4	46	11,7	16,9	-	
Letras	31,8	38,9	7,3	22,1	-	32,9	39,6	11,9	15,6	-	
História	24,6	51,8	44,4	19,3	-	26,1	54,4	8	11,5	-	
Filosofia	23	49,2	3,3	24,6	-	25,1	49,4	19,8	5,7	-	

Tabela 13 - Situação de ingresso e estratégias de formação.
1999 (Total dos 18 cursos)

	Calouros	Veteranos
só estudar	4,0	3,9
trabalhar na área	19,4	29,7
idiomas/informática	56,0	50,8
especializações	34,6	33,8
flexibilização	28,0	26,2
outros	2,1	4,1
s/r	1,4	1,8

Tabela 16 - Situação de ingresso
e qualidades profissionais - 1999

	Calouros	Veteranos
Academicamente competente	30,9	35,6
Criatividade/versatilidade	29,6	31,3
Características subjetivas	29,1	27,1
Características tradicionais	26,3	23,6
Características éticas / morais	12,1	9,1
nr	25,9	35,6

Tabela 17 - Situação de ingresso e vocação profissional.
1999 (Total dos 18 cursos)

	Calouros	Veteranos
realmente vocação	73,1	70,1
dentro das possibilidades	15,6	21,4
seria o mais fácil	0,7	2,8
não era sua preferência	2,6	3,1
n/r	2,0	3,4

Tabela 14 - Curso de origem, situação de ingresso e estratégias de formação -1998.

	Calouros	trabalhar na área	Idiomas e Informática	Especializações	Flexibilização currículo	nr
Estratégias	só estudar					
<u>Seletos</u>						
Administração	3,7	16,6	65	30,7	28,4	3,7
Direito	3,4	19,9	57,5	36	28,5	0,3
Arquitetura	3,1	10	54,6	38,5	37,7	1,5
Editoração	-	23,1	61,5	30,8	38,5	-
Rádio/TV	6,7	20	66,7	33,3	20	-
Relações Públicas	-	3,7	70,4	33,3	37	-
<u>Populares*</u>						
Pedagogia	3,4	22,2	44,4	36,8	25,6	-
Biblioteconomia	11,1	11,1	70,4	14,8	37	3,7

* não temos esta informação para os cursos da FFLCH.

Tabela 14a - Curso de origem, situação de ingresso e estratégias de formação -1998.

	Veteranos	trabalhar na área	Idiomas e Informática	Especializações	Flexibilização currículo	nr
Estratégias	só estudar					
<u>Seletos</u>						
Administração	3,1	22,6	58	30,6	18,9	1,1
Direito	5	37	50,1	29,2	23,3	2,0
Arquitetura	1,3	36,4	51,5	37	22	1,0
Editoração	3,2	22,6	48,4	48,4	51,6	-
Rádio/TV	3,1	28,1	37,5	50	28,1	-
Relações Públicas	-	16,7	59,5	35,7	57,1	-
<u>Populares*</u>						
Pedagogia	3,6	26,2	43	41,4	29,5	2,0
Biblioteconomia	2,3	30,2	67,4	32,6	30,2	-

* Não temos esta informação para os cursos da FFLCH.

Tabela 15 - Curso de origem, situação de ingresso e experiência acadêmica anterior. 1999

	Calouros	possuo outro diploma universitário	já frequentei outro curso mas não conclui	frequento simultaneamente	nr
<i>Seletos</i>					
Administração	82,2	4,9	8,0	4,3	1,2
Direito	76,2	13,7	6,7	3,6	0,3
Arquitetura	85,4	6,2	7,7	-	0,8
Editoração	69,2	15,4	15,4	-	-
Rádio/TV	93,3	6,7	-	-	-
Relações Públicas	74,1	7,4	11,1	7,4	-
<i>Populares</i>					
Pedagogia	59,0	17,9	18,8	5,1	-
Biblioteconomia	70,4	18,5	11,1	-	3,7
Geografia	53,1	13,8	15,0	12,5	5,6
Letras	47,0	18,7	17,0	13,1	4,2
História	52,0	11,7	17,0	16,6	6,2
Filosofia	22,2	33,3	19,7	17,1	7,7

Tabela 15a - Curso de origem, situação de ingresso e experiência acadêmica anterior. 1999

	Veteranos						
	sim	possuo outro diploma universitário	já frequentei outro curso mas não conclui	frequento simultaneamente	nr		
<i>Seletos</i>							
Administração	66,6	18,6	13,1	2,6	0,6		
Direito	74,7	13,8	8,6	3,2	0,6		
Arquitetura	83,6	5,6	10,2	0,7	-		
Editoração	61,2	3,2	32,3	3,2	-		
Rádio/TV	68,8	-	28,1	3,1	-		
Relações Pública	85,7	4,8	9,5	2,4	-		
<i>Populares</i>							
Pedagogia	59,3	25,5	13,6	2,6	1,3		
Biblioteconomia	58,1	20,9	23,3	-	-		
Geografia	56,6	12,4	25,4	3,7	1,9		
Letras	44,1	30,0	20,4	4,5	1,0		
História	52,8	17,7	18,8	9,7	1,0		
Filosofia	32,5	40,6	19,6	7,1	0,6		

Tabela 16a - Curso de origem. situação de ingresso e qualidades profissionais. 1999

	Calouros sensitivo/em otivo	prático/ racional	academicamente competente	criatividade/ versatilidade	moral / crítico	nr
<i>Seletos</i>						
Administração	20,9	36,2	30,1	35,6	8,6	26,4
Direito	31,1	29,5	32,1	25,4	21,8	23,8
Arquitetura	23,8	19,2	27,7	51,5	4,6	26,9
Editoração	30,8	23,1	46,2	46,2	7,7	23,1
Rádio/TV	46,7	13,3	26,7	13,3	6,7	40,0
Relações Pública	14,8	14,8	18,5	18,5	-	44,4
<i>Populares</i>						
Pedagogia	66,7	38,5	22,2	20,5	13,7	6,8
Biblioteconomia	14,8	25,9	44,4	3,7	11,1	25,9

* não temos esta informação para os cursos da FFLCH.

Tabela 16b - Curso de origem. situação de ingresso e qualidades profissionais. 1999

	Veteranos	prático/ racional	academicamente competente	criatividade/ versatilidade	moral / crítico	nr
<i>Seletos</i>						
	sensitivo/ emotivo					
Administração	20,0	26,3	26,9	34,6	7,1	42,6
Direito	26,2	27,1	33,4	24,5	10,6	34,8
Arquitetura	25,9	19,3	43,9	42,3	12,1	30,5
Editoração	19,4	9,7	61,3	54,8	-	16,1
Rádio/TV	37,5	31,3	25,0	53,1	-	25,0
Relações Pública	35,7	23,8	47,6	69,0	9,5	14,3
<i>Populares</i>						
Pedagogia	30,1	15,6	50,0	17,2	8,3	35,0
Biblioteconomia	18,6	41,9	32,6	53,5	-	25,6

* não temos esta informação para os cursos da FFLCH.

Tabela 18 - Curso de origem, situação de ingresso e vocação profissional. 1999

Calouros	Curso	tinha vocação	dentro das possibilidades	acesso facilitado	não era opção preferencial	Soma das 3 últimas opções	nr
	<u>Seletos</u>						
	Administração	71,2	24,5	-	2,5	27,0	2,5
	Direito	80,1	14,5	0,5	2,8	17,8	2,3
	Arquitetura	93,8	4,6	-	0,8	5,4	0,8
	Editoração	84,6	15,4	-	-	15,4	-
	Rádio/TV	86,7	6,7	-	-	6,7	6,7
	Relações Públicas	74,1	18,5	-	7,4	25,9	-
	Populares						
	Pedagogia	76,5	11,8	2,8	5,9	20,5	1,7
	Biblioteconomia	48,1	22,2	18,5	7,4	48,1	3,7
	Geografia	68,3	21,7	2,5	3,1	27,3	-
	Letras	59,5	23,6	4,3	9,4	37,3	-
	História	81,4	10,9	1,8	1,4	14,1	-
	Filosofia	77,5	18,0	0,9	0,9	19,8	-

Tabela 18a - Curso de origem, situação de ingresso e vocação profissional 1999

Veteranos	Curso	tinha vocação	dentro das possibilidades	acesso facilitado	não era opção preferencial	Soma das 3 últimas opções	nr
	<u>Seletos</u>						
	Administração	61,7	26,6	3,7	4,0	34,3	4,3
	Direito	70,2	21,5	1,1	3,6	26,2	4,4
	Arquitetura	81,0	14,8	1,6	2,0	18,4	1,3
	Editoração	74,2	25,8	-	3,2	29,0	-
	Rádio/TV	68,8	25	3,1	3,1	31,2	-
	Relações Públicas	59,5	28,6	7,1	4,8	40,5	-
	<u>Populares</u>						
	Pedagogia	71,2	23,2	3	3,3	29,5	2,3
	Biblioteconomia	51,2	30,2	9,3	7	46,5	4,7
	Geografia	61,8	23,8	3,7	4,8	32,3	-
	Letras	57,7	26,5	3,6	6,3	36,4	-
	História	78,1	12,8	2,3	3,3	18,4	-
	Filosofia	-	-	-	-	-	-

Tabela 19- Curso de origem, situação de ingresso e expectativa de conclusão. 1999

Curso	Calouros				Veteranos				nr	nr
	certeza	espera terminar	tem dívida	quer tentar	certeza	espera terminar	tem dívida	quer tentar		
<u>Seletos</u>										
Administração	81,6	16	-	-	79,4	16,6	2	0,6	2,5	1,4
Direito	82,4	16,1	0,5	0,5	85,1	11,7	1,2	0,4	0,5	1,6
Arquitetura	89,2	9,2	-	0,8	83,6	13,1	1	0,7	0,8	1,6
Editoração	84,6	15,4	-	-	77,4	9,7	12,9	-	-	-
Rádio/TV	80	13,3	6,7	-	71,9	12,5	9,4	3,1	-	3,1
Relações Públicas	88,9	3,7	3,7	3,7	78,6	14,3	4,8	-	-	2,4
<u>Populares</u>										
Pedagogia	89,7	6,8	2,6	0,9	87,1	6,3	2,3	2,3	-	2,0
Biblioteconomia	70,4	22,2	3,7	-	86	11,6	2,3	-	3,7	-
Geografia	72,5	19,4	4,4	3,1	87,1	6,6	2,8	2,0	0,6	11,5
Letras	68,6	21,8	5,2	2,9	72,4	13,0	7,5	5,3	1,5	1,8
História	81,2	11,7	3,6	1,3	86,6	8,3	2,7	1,5	2,2	0,9
Filosofia	72,6	14,5	5,1	4,3	78,6	8,4	5,9	6,2	3,5	0,9

Tabela 20 - Situação de ingresso e expectativas de empregabilidade.
1999 (Total dos 18 cursos)

	Calouros	Veteranos
conseguir emprego área	75,7	69,2
conseguir emprego fora área	1,9	4,5
ficar desempregado	0,4	2,0
abrir negócio área de formação	7,2	13,0
abrir negócio fora da área	1,0	3,4
outros	5,1	9,4
n/r	11,1	3,5

Tabela 21 - Curso de origem, situação de ingresso e expectativa de conclusão. 1999

Calouros	conseguir emprego área	conseguir emprego fora área	ficar desempregado	abrir negócio área de formação	abrir negócio fora da área	nr
<u>Seletos</u>						
Administração	86,5	2,5	-	7,4	1,2	3,7
Direito	83,7	1,8	0,5	8	0,8	1,3
Arquitetura	76,8	1,5	0,8	16,2	0,8	1,5
Editoração	92,3	-	-	-	-	-
Rádio/TV	86,7	-	-	6,7	-	6,7
Relações Públicas	85,2	-	-	3,7	-	3,7
<u>Populares*</u>						
Pedagogia		-	-	-	-	-
Biblioteconomia	88,9	3,7	-	-	-	3,7

* Não temos esta informação para os alunos dos cursos da FFLCH.

Tabela 21a - Curso de origem, situação de ingresso e expectativa de empregabilidade. 1999

Veteranos	conseguir emprego área	conseguir emprego fora área	ficar desempregado	abrir negócio área de formação	abrir negócio fora da área
<u>Seletos</u>					
Administração	68,6	7,4	0,6	12	5,4
Direito	78,0	4,8	1,8	8	3,4
Arquitetura	58,0	6,9	3,3	25,6	3,6
Editoração	51,6	3,2	-	29,0	3,2
Rádio/TV	68,8	3,1	12,5	12,5	3,1
Relações Públicas	83,3	2,4	-	11,9	2,4
<u>Populares*</u>					
Pedagogia	53,3	1,7	-	16,6	1,7
Biblioteconomia	72,1	4,7	-	14,0	-

* Não temos esta informação para os alunos dos cursos da FFLCH.